

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 30 de Novembro de 2011**

Texto de referência: O Sentido Religioso, capítulo XII, Verbo, Lisboa 2000, p. 165-171

- . *L'uomo cativo*
- . *Amazing grace*

O capítulo sobre o qual trabalhámos é: «A aventura da interpretação». Foi-nos pedido para olharmos para a experiência de liberdade que fizemos.

Desde que me reformei, faço caritativa quase a tempo inteiro no Banco Alimentar. No sábado, durante a recolha de alimentos, dei uma volta por alguns supermercados para me dar conta dos rostos e das conversas das pessoas. A seguir, fiz o mesmo no armazém de Rho com os universitários do CL, com os presos e com um grupo de refugiados africanos; foram muitas as histórias de festa e de partilha do acto de dar. Muito ou pouco, foi possível a todos dar latas de conservas, tempo, amizade. Uma mãe festejou os anos levando os amigos à recolha de alimentos; o bispo de uma cidade grande, que estava de visita, foi buscar os sacos e distribui-os, ele mesmo, na loja; os meus netos trabalharam durante muito tempo, a separar as latas de conservas. Introduziu-se, para todos, uma medida diferente, um empenho diferente no acto de sempre, e com a intuição, ao menos, das mesmas razões.

Na manhã seguinte, um amigo nosso que também tinha estado a ajudar na recolha do Banco Alimentar teve um AVC e está no hospital, em estado grave. Rezamos todos por ele e estamos solidários com a família. Esta passagem brusca, feita em poucas horas, tornou evidente, para mim, duas coisas. Primeiro: a recolha do Banco Alimentar é claramente uma experiência de povo mas, o modo de vivê-la até ao fim, não pode deixar de ser inteiramente pessoal, seguindo as regras (o cartaz, a caixa que tem de ser bem feita, as etiquetas para colar...) mas que se tornam um estímulo a viver esta ocasião para mim, para fazer bem o que me pedem e, no ajuizar a minha resposta, com que liberdade eu respondo. Segundo: o cálculo do teu estar diante do Mistério é feito verdadeiramente quando percebes que não te é tirado nem o cansaço nem a dor mas que podes ser ajudado a interpretá-lo. Assim, as razões da relação com a tua mulher, com os teus filhos, com os amigos, não dependem do humor e, a experiência da recolha do Banco Alimentar, não se limita ao resultado técnico. Só assim vale a pena gastar-se pela serenidade da família e para recolher toneladas de alimentos que têm de ser arrumados. Por isso, ontem renovei o grande reconhecimento pela companhia do movimento ao coração e à razão, que há muito tempo, nos educa a esta interpretação (penso no juízo sobre a crise e no sublinhar dos actuais gestos de caritativa). Estamos assim, diante da festa da recolha do Banco Alimentar ou da dor da doença, sozinhos, entusiasmados ou assustados, mas sempre rodeados pelas razões e pela esperança. Aparecem assim quase idênticos, nos seus diferentes âmbitos, por um lado, as dez regras do folheto da recolha do Banco Alimentar, no qual pusemos este ano, pela primeira vez, o nome de Cristo e por outro, o terço rezado todas as tardes pelo nosso amigo. A provocação da circunstância é diferente mas o fio condutor do que encontras é idêntico. Gostava de dizer e digo-o com algum tremor: verdadeiramente nada mais pode assustar-me se eu estiver sempre presente a esta fiel e incansável amizade.

Obrigado. Esta é a ajuda que o Mistério presente no meio de nós nos oferece para nos educar a um uso da razão assim escancarada. Quem havia de pensar que, através de um gesto de educação para a caridade, ou seja, para esta necessidade infinita que somos nós, poderia experimentar, pouco tempo depois, de que maneira isto serve para enfrentar a doença do amigo. Aquilo que propomos não são gestos sem significado; são para uma educação a viver os desafios da vida. E diante destes desafios,

cada um verifica, depois, se esteve nos gestos propostos de um modo verdadeiramente pessoal, o que não quer dizer de um modo isolado mas sim dentro de um povo.

Durante esta semana tentei responder à tua pergunta de quando fizemos a experiência de sermos livres. E o único exemplo que consegui encontrar foi este: um dia, no trabalho, ajudei um paciente meu que esteve mal durante muito tempo e empenhei-me totalmente. A dada altura, nos últimos dez minutos, entra no quarto uma colega minha e a única coisa que faz é passar-me uma seringa; sai do quarto, encontra os familiares e conta-lhes resumidamente como se tinha passado tudo, como estava o doente, o que tínhamos feito. Os familiares disseram-lhe (por momentos quase se ajoelhavam aos seus pés): «Agradecemos-te muito, és um anjo», e durante o resto da manhã quase que a veneraram. Quando vi isto, fiquei espantada e pensei: passei a manhã toda com este doente, ela chega nos últimos dez minutos e fica com os louros. Fiquei muito mal. Nas horas que se seguiram até ao fim do turno fiquei furiosa, tornei-me rancorosa com a realidade, a ponto de, a determinada altura, a minha colega me perguntar: «O que tens?» A verdade é que pico o ponto, desço, entro no carro, sento-me e pergunto: «Qual é o problema?». Fiquei impressionada porque disse a mim mesma: o problema é que eu tenho necessidade de ser afirmada, gratificada, reconhecida. Percorrendo – em poucos instantes – aquilo que tinha acontecido naquela manhã, fui capaz de dizer: na minha experiência o que é que me faz sentir afirmada, querida, gratificada? Enquanto pensava nisto, só o facto de fazer este juízo dos momentos em que faço verdadeiramente a experiência de ser afirmada, querida e gratificada, abriu-me um mundo, voltou a escancarar a vida. Num instante eu mudei, e a prova era que me sentia, de novo, eu mesma, depois de uma manhã em que quase não me reconhecia. Penso que isto tem a ver com o que dizias na última vez sobre a verdadeira natureza da razão, que é abertura à totalidade. Tive – podia ter-me arrastado assim mas era insuportável, eu já não conseguia suportar-me mais! – de chegar a este juízo, e o facto de colocar esta questão a mim mesma mudou-me imediatamente. Deste episódio o que tiro? Que eu esperei durante uma manhã inteira que uma gota viesse tirar-me a sede e por isso fiquei furiosa – e quantas vezes eu fico furiosa, imensas. Se penso nos meus dias, estão cheios de exemplos destes. Até que apareceu um ponto que me libertou. E agora tenho uma pergunta. Don Giussani, na pág. 167, dá o exemplo da penumbra: ou a obscuridade sem sentido ou o vestíbulo da luz. E diz: «Esta diversidade de posições é exclusivamente uma escolha». E mais à frente: «Na verdade, o homem afirma, na sua liberdade, aquilo que já decidira desde um oculto ponto de partida. A liberdade não se demonstra tanto no carácter clamoroso das escolhas; manifesta-se no primeiro e subtilíssimo crepúsculo do embate da consciência do mundo». Quando li esta frase disse para mim: preciso de perceber este oculto ponto de partida porque, se dele depende o facto de eu, entre outras coisas, dizer a verdade, quero saber o que é.

Quería insistir sobre isto porque aquilo que nos contas dá boa nota da extraordinária novidade que é o trabalho que *don Giussani* nos propõe. Tu ficaste enguiçada durante toda a manhã porque não se tinha realizado o teu desejo de ser afirmada (pior ainda: quem colheu os louros foi a outra!). E, como sabemos, isto bloqueia-nos durante horas ou semanas. Mas aquilo que realmente impressiona é que para sair desta situação não foi preciso que lhe acontecesse algo de extraordinário, não foi preciso ela esperar por algo que a fizesse mudar de posição por golpe de magia. Não, simplesmente usou a razão segundo a sua natureza, e isto é muito mais extraordinário do que qualquer outra coisa! Porquê? Porque Cristo veio para nos educar de tal modo que nós, usando assim a razão, podemos sair do nosso enguiço em qualquer momento. Este é o verdadeiro dom que a fé traz consigo: redespertar a nossa razão e permitir-nos olhar para o real segundo a sua natureza. E é isto que nos muda, nos liberta, e não precisamos de esperar que nos saia a sorte grande, é algo que simplesmente acontece. Quando? Quando começo a ser eu mesmo, ou seja, quando eu, não podendo suportar uma certa situação, começo a empunhar a arma da razão. E esse é o maior milagre: “Olha, que Eu faço de ti uma coisa nova, Eu torno-te diferente de tal modo que não precisas de esperar que aconteça sabe-se lá o quê. Se Me seguires, esta experiência de razão e liberdade poderá estar sempre à mão em qualquer circunstância”. Quando *Giussani* nos diz para não esperarmos um milagre, mas um

caminho, está também a dizer isto: que eu tenho cada vez mais a possibilidade de ser criatura nova, com um conhecimento novo do real que não fica bloqueado com a mentira (porque é uma mentira uma pessoa julgar que, pelo facto de receber agradecimentos dos pais de um doente seu, resolva o problema de ser afirmada). A verdadeira revolução é a geração de um sujeito diferente que se coloca perante o real de maneira diferente. Com os mesmos ingredientes de toda a gente – razão e liberdade -, uma pessoa não vive de maneira positivista, não vive sufocando no real, mas respira a plenos pulmões. E quando isto nos acontece, ficamos tão estupefactos que nem acreditamos, pela estranheza que nos causa; porque – confessemos-lo – é-nos mais familiar ficarmos paralisados durante semanas a fio até que a irritação abrande e depois desapareça, ou até que aconteça algo que nos obrigue a mover. Mas que eu possa ter sempre à mão um instrumento para um novo início; é isto que Cristo nos veio trazer, redespertando assim um sujeito capaz de viver o real de maneira diferente.

No texto, logo após a parte que lemos há pouco, don Giussani diz: “Eis a alternativa em que o homem se põe em jogo quase insensivelmente: ou tu te colocas diante da realidade com os olhos arregalados de uma criança [...] ou te colocas diante da realidade numa posição de defesa, como quem tapa a vista com o braço para evitar impactos desagradáveis ou inesperados”. Em relação a isto, gostaria de dar um exemplo. Ontem deparei-me com uma pessoa que nas semanas anteriores me tinha magoado muito, e portanto pus-me logo à defesa, com o braço a tapar a vista. Depois encontrei uma pessoa de quem não sabia nada, que mal conhecia; dialoguei com ela e estava numa posição de total abertura, com os olhos arregalados, com curiosidade em conhecê-la. Reflectindo sobre estes dois factos cheguei à conclusão de que o assumir uma atitude ou outra, ou seja, de que a minha liberdade se mova num sentido ou num outro, é também consequência de um juízo que eu dou sobre as coisas que me acontecem, pelo qual o braço a tapar a vista era consequência de um juízo que dei sobre os factos que aconteceram. Mas, depois de voltar a ler este trecho de Giussani, eu não quero saltar por cima do facto de que eu percebo que na experiência não é tudo igual, ou seja, de que eu percebo que, se as coisas correm de uma determinada maneira, é melhor que corram de outra. Voltando ao exemplo do último interveniente, se uma pessoa reconhece uma coisa que fez, é melhor do que se não a reconhece. Mas, voltado a pensar sobre aquilo que me aconteceu ontem, havia algo que não batia certo, e aquilo que não batia certo era o facto de que, apesar de estar conscientemente numa posição de defesa justa, não era eu mesma. Então achei que devia voltar a aprender o que é a liberdade e reli aquilo que Giussani diz no capítulo 8 de O Sentido Religioso sobre a liberdade, na página 124: “Mas não apenas o ser livre por um fim-de-semana, por uma noite [...] mas sempre; ser livre-livre, é isto a liberdade, não um instante de liberdade [...]. O cumprimento inteiro de si mesmo, eis a liberdade”. Ou seja, é verdade que se acontece uma coisa em vez de outra isto dá-me uma satisfação, e, portanto, faz-me ser livre, mas não livre-livre. E diz mais à frente: “Só num caso este ponto que é o homem singular, é livre de todo o mundo, é livre [...]: se supusermos que esse ponto não é totalmente constituído pela biologia do pai e da mãe [...], mas que seja relação directa com o Infinito”. Relendo estes dois pontos eu fiquei completamente fulgurada, porque percebi aquilo que não batia certo, ou seja, que é verdade que a minha liberdade se moveu como consequência de um juízo, mas de um juízo parcial, porque aquilo que dizia daquela pessoa não é tudo o que aquela pessoa é. Hoje de manhã chego ao trabalho e volto a esbarrar com aquela pessoa, e voltei a assumir uma posição de defesa, anulando completamente todo o percurso que tinha feito ontem. Portanto, percebo que não dou precedência a esta definição de liberdade que Giussani ensina.

Isto é muito interessante, mais uma vez, porque é verdade que é um juízo; mas o problema é: quando dizemos “liberdade”, o que é que estamos a dizer? Se Giussani diz que apenas num caso o homem é livre, se é directa relação com o Infinito, o que é que quer dizer? Se o homem é apenas um pedaço de um mecanismo das circunstâncias, nós dependemos de como as coisas correm; quando alguém nos elogia, nós ficamos contentes, e quando não o faz, nós vamos ao fundo, como toda a gente. Que novidade há nisto? Nenhuma. Isto é a liberdade? Não, esta seria uma liberdade a

acontecer no futuro: quando se cumprirem mais ou menos os nossos sonhos, então somos livres: e quando isso não acontece, nós zangamo-nos. Mas – diz Giussani – aquilo que desejamos como liberdade, ou seja, como satisfação, não é apenas para um instante, mas para sempre. Isto vê-se quando nos encontramos diante de alguém de quem nos defendemos, ou quando alguém nos magoa. A liberdade é um bem muito escasso se dependemos, como toda a gente, do curso das circunstâncias: quando as coisas correm de feição, estamos contentes; quando as coisas correm mal, afundamo-nos. Lógico. Mas aqui está escrito uma outra coisa, está escrito que a liberdade é relação directa com o Mistério! Então que erro é preciso percebermos? Que não se trata apenas de olhar o outro de modo parcial, mas de olhar para mim mesmo e modo parcial! Porque se eu me dou conta de que sou relação com o Mistério, e que é isto que me torna livre e me satisfaz, então, como eu já tenho de antemão esta satisfação, posso ser livre em relação ao facto de que alguém me conceda as migalhas que caem da sua mesa. Se eu não estou a esse nível de liberdade como experiência, dependendo como toda a gente das migalhas; e então falar de liberdade torna-se patético. Por conseguinte, ou nós dependemos de Deus e então somos livres de qualquer circunstância, ou não dependemos de Deus e então somos escravos de qualquer circunstância. Sem esta relação única com o Mistério, que é o único que satisfaz verdadeiramente, a liberdade não existe. E então, mesmo que tenhamos percebido ontem, hoje encontramos-nos novamente fechados, na defensiva, porque apenas uma experiência de satisfação me poderia proporcionar uma postura diferente. Ultimamente tenho-me lembrado muitas vezes da ternura de Jesus quando os discípulos voltam da missão que lhes tinha confiado; estavam todos “extasiados” : um grande sucesso, até os demónios tinham sido expulsos. E Jesus olha para eles, trespassando a humanidade deles: “Mas, amigos, não fiquem contentes com isto, porque isto não é suficiente para vocês se levantarem da cama amanhã [Jesus não está a dizer isto porque eles andaram a roubar, ou porque foram à discoteca; não; eles tinham ido em missão por ordem d’Ele]. Fiquem antes contentes porque os vossos nomes estão escritos no Céu, ou seja, porque vocês foram escolhidos, porque vocês participam comigo naquela relação que é a única que satisfaz”. Mas como nós não percebemos isto – que fomos escolhidos -, então dependemos das migalhas do sucesso. Que experiência devia fazer Jesus para poder dizer: “Reparem que o verdadeiro dom, que o verdadeiro bem, que aquilo que realmente corresponde é o facto de que são Meus, de que foram escolhidos!”. E contudo para nós isto soa-nos como palavras de um sábio que diz coisas sábias, nós não conseguimos sequer perceber este olhar, um olhar que tem mais verdade sobre o homem do que milhares de livros numa biblioteca! Sem isto, nós não podemos ter aquela experiência de liberdade que nos torna realmente diferentes, abertos, mesmo quando alguém nos tratou mal, porque nós não dependemos disso. O nosso ponto de partida não deve ser uma reacção; o nosso ponto de partida é original! Porque somos melhores que os outros? Não, porque este ponto de partida totalmente gratuito depende da relação que Cristo tem com o nosso nada (precisamente porque não estamos à altura). Porque é que nós podemos ter este ponto de partida totalmente aberto, escancarado? Lembrem-se do que dissemos no dia 26 de Janeiro: nós estamos a fazer este percurso a partir do seio da fé. E então façamos o teste a experiência do cristianismo que fazemos torna-nos realmente livres e abertos ao real? Ou é como se não nos tivesse acontecido nada e nos encontramos diante do real como toda a gente? Estamos com os olhos arregalados, como João e André, ou não? Porque a razão está toda aí. E isto faz-nos dar conta de que o percurso que estamos a fazer é a coisa mais conveniente, porque a pouco e pouco fará com que se torne familiar em nós esta experiência como modalidade de estar habitualmente no real. A propósito disto quero acrescentar uma coisa lendo uma carta: “Impressiona-me que don Giussani, por um lado, diz que a natureza da razão obriga a própria a razão a admitir a existência de alguma coisa, de um *quid*. Mas se a razão é obrigada a reconhecer, porque é preciso a liberdade?”. Podia parecer que se tratava de algo que, pela própria dinâmica da razão, exclui a liberdade. Mas *don Giussani* diz: o mundo demonstra algo de Outro como um sinal demonstra aquilo do qual é sinal. E isto introduz um drama, porque é verdade que é absolutamente evidente como sinal, mas o sinal imediato remete-me para além, remete-me para um Tu supremo. E isto não acontece de maneira mecânica. Portanto, por um lado, a razão reconhece o sinal imediatamente, mas por outro lado,

precisamente pela natureza do sinal, introduz-se um drama em que a liberdade se deve jogar para reconhecer este Tu. E isto vê-se tantas vezes na dificuldade que temos – e que vem ao de cima em tantas cartas que me enviam –, por exemplo, relativamente à afirmação de que a realidade é positiva. Eis uma delas: «Um amigo meu com dificuldades, quando eu lhe falava do manifesto “A crise desafio para uma mudança”, passado um bocado diz-me: “Tu falas bem, falas, tu que não sofres as consequências”. Calei-me e pensei “Há discussões em que só o testemunho é que pode persuadir”. E depois pensava: nas provas que a vida me dá, em que a realidade não é agradável, dizer a mim mesmo, que a realidade é sempre positiva, só o faço de dentes cerrados. Esta é a razão pela qual diante de provas de outros, bem mais dramáticas do que a crise não tenha coragem de o dizer a quem é apanhado por elas, sobretudo se não é crente, porque penso: as provas mais difíceis para nós que acreditamos são imitação de Cristo sobre Calvário porque depois sabemos que existe a Ressurreição, que Deus nunca dá provas superiores às nossas forças. Mas dizê-lo a quem não acredita não é fácil. Sobre esta dificuldade tenho algumas perguntas. Como é que podem ser percebidas por quem não acredita como “preconceito religioso”, “interpretação católica”, “esforço voluntarista de auto convencimento”?» Então que a realidade seja positiva é apenas um preconceito nosso? Uma interpretação católica da realidade? Ou depende, como dissemos, de um uso da razão no verdadeiro sentido do termo? Eu pergunto: Se nós dizemos, segundo o exemplo das flores que dá *don* Giussani, que o facto de que estejam flores na minha mesa, implica alguém que as pôs ali, isto é uma interpretação católica? É um preconceito religioso? Ou pela própria natureza do sinal, as flores implicam mais qualquer coisa? Se aquilo que nós estamos a fazer com este percurso é apenas para nos convenceremos mais da nossa interpretação – digamos – ideológica e não da verdade das coisas, em vez de nos abirmos a todos, acabamos por nos fechar cada vez mais. Porque no final com quem é que podemos falar? Só com os do “nosso grupo”. Parabéns! É precisamente o contrário, apenas um uso verdadeiro da razão nos permite falar com todos. Piero Sansonetti, jornalista e de formação comunista, diz isto do nosso manifesto sobre a crise: «É um documento sério, que tem uma forte ideia política, reabre o coração e o debate». Di-lo do nosso manifesto, que penso que não é ambíguo. Vê no manifesto do CL sobre a crise um retorno à «verdadeira luta política», que se faz sobre as ideias. «A Segunda República viu a ausência do pensamento católico e o dano é grave quando – num País em que tem um enorme peso – o catolicismo é posto à margem: a política foi reduzida a um posicionamento, um dos defeitos fundamentais do bipolarismo. Pelo contrário este documento volta a pôr em campo uma componente importante e falo sobre os conteúdos sobre uma ideia de sociedade». Ou seja, quando nós damos as razões, com vimos com Sapelli e Campiglio em Milão, como vimos com Polito e Israel em Roma, como vemos com Sansonetti, não estamos no grupo de amigos, e é isto que nos permite falar com todos. E os outros percebem melhor do que nós qual é dimensão daquilo que trazemos. Mas nós pensamos que isto é o preconceito religioso, a interpretação católica e dizemos: «Os outros não estão preparados para o perceber», e então “mediamos” para adequar aquilo que, quanto a nós, deveriam perceber. Mas isto é o fim da missão, isto é o fim do testemunho cristão! Foi isto que bloqueou uma certa pastoral: todos se devem preparar antes que aconteça o encontro. Mas isto é aquilo de que *don* Giussani nos libertou, quando afirma: todos têm a possibilidade de reconhecer o cristianismo porque têm o coração, e por isso o instrumento dado por Deus para reconhecer o verdadeiro. Não é preciso nenhuma mediação. E se nós reduzimos a proposta porque pensamos que é apenas uma interpretação católica, somos nós o problema, não a solução! Mas isto não é laicidade, isto é puro clericalismo! Nós mediamos contra aquilo que *don* Giussani diz, ou seja que o eu é relação directa com o Mistério. Isto é aquilo que nós devemos favorecer. Mas nós insistimos noutra coisa, como vemos na continuação da segunda carta que vos leio: «E que significa [é a segunda pergunta] esta minha relutância em dizê-lo a todos? Que não estou suficientemente certo da possibilidade do real para todos? E se não tenho coragem para o dizer a todos, é um problema de pouca fé ou de pouca razão?». Responda a si mesmo. Porque é que não tem a liberdade de o dizer? Para se dizer de que se está certo é preciso alguma coisa particular? Di-lo simplesmente, condivide-o. Quando nós temos a abertura a que a Escola de Comunidade nos educa, olhem o que é que acontece: «estou a viver uma situação difícil. Diagnosticaram à minha

mulher um melanoma da pele, um tumor maligno que felizmente os médicos dizem ter sido apanhado a tempo. Não te vou contar tecnicamente tudo, posso dizer que foi um golpe tremendo para mim, mas sobretudo para ela. Mas hoje, passado um mês do diagnóstico, posso dizer que esta circunstância difícil assinalou, pediu, comportou uma mudança minha e da minha mulher. Posso dizer lucidamente que desde aquele dia tantas coisas mudaram. A relação com a minha mulher tornou-se mais essencial e menos banal e mais exigente. Hoje ela precisa de ter diante um homem não assustado, e eu no dia do diagnóstico estava destruído. Como é que posso ajudar a minha mulher? Esta é a pergunta que imediatamente senti urgente e que me fez mover, pedir, procurar em cada dia, gente como os amigos que trouxeram nos olhos uma esperança que eu não tenho. A minha mulher mudou. Duas semanas antes do diagnóstico, de carro na auto estrada, disse-me que o Movimento já não lhe interessava, não se comovia com ninguém, não via ninguém a quem seguir: em suma, a vida corre bem mesmo sem o movimento. Na própria noite do diagnóstico a nossa solidão foi tão dolorosa que ela, desde aquele dia, pediu-me para nunca estar sozinha; de forma banal; diz-me para procurar gente positiva. A mesma coisa sobre a tua Escola de Comunidade. Foi sempre um ir ao cinema; hoje tornou-se um momento que fala, que nos diz respeito e que nos interroga. Podemos dizer que a realidade também é positiva na doença? Esta é a minha pergunta? Há duas noites na cama ela disse-me: “Espero que não volte tudo a ser normal”. Ela, doente, com o tumor! Esta é a grande descoberta, a grande novidade que eu estou a experimentar hoje. Nunca desejei mais do que isto, mas devo admitir que nada até hoje teve a força de tornar mais vida a minha vida. Eu percebo que não posso considerar isso um azar. Como é que posso dizer que é um azar se torna mais verdadeiro o meu casamento? Como posso dizer que é um azar se tem a força de mudar a minha mulher? Como posso dizer que é um azar se tudo aquilo que sempre soube – mas não acreditei – estando no movimento hoje se torna verdade para mim?». E quem é que descobre isto? Descobre-o quem tem este ponto de partida, quem está aberto a que através da realidade posso perceber alguma coisa que não percebia. É aquilo que diz ainda a última carta com um exemplo muito simples: «Escrevo-te porque trabalhando sobre a EC e vivendo surgiu uma pergunta que nos fizeste: que experiência fazemos da liberdade? Queria tentar contar-te o que me acontece algumas vezes. Sexta-feira comecei com uma constipação forte, o início de uma gripe que somada ao cansaço da semana foi a desculpa para pensar não ir ao Banco Alimentar do dia seguinte. Enquanto pensava era evidente que a minha decisão não era razoável, isto é, eu não era verdadeira até ao fundo, não era totalmente eu mesma. No Banco Alimentar iam estar alguns colegas e duas alunas minhas, mas acima de tudo eu nunca parei por causa duma constipação, logo era evidente que o problema não estava ali. Mas a ideia de não ir tinha-se tornado uma decisão e nem mesmo o belíssimo artigo de Giorgio Vittadini no *Avvenire* de 25 de Novembro, que tanto me tocou, me fez mudar de ideias. Hoje, relendo a EC fiquei petrificada diante desta frase “O homem, de facto, na sua liberdade afirma o que já decidira à partida. A liberdade não se demonstra tanto no ruído das escolhas, mas a liberdade joga-se no primeiro subtilíssimo crepúsculo do impacto da consciência do mundo”. Não é a primeira vez que me acontece, é como se a minha razão estivesse em apneia e não nada a fazer. Até hoje, quando me acontecia algo do género, esperava que passasse aquele dia, e depois continuava, mas isto às vezes dá-me um bocado de medo, porque desejo que a minha vida não tenha buracos assim. Queria ter-te escrito há alguns dias para te dizer que aos poucos estou a perceber que a realidade é positiva porque existe e te provoca no bem e no mal (posso dar tantos exemplos), mas hoje acrescento: provoca-te se tu te deixas provocar». Então, o homem na sua liberdade afirma o que já decidira à partida. E isto é verdadeiramente o drama perante o qual estamos porque como diz d. Giussani aquilo que nos dizemos só o compreendemos por este entrelaçar da liberdade e do conhecimento. «Se tu és “moral”, quer dizer, se estás na atitude original em que Deus te criou (quer dizer que todos, uma vez que fomos criados por Deus, temos *by default* esta posição original, não é que digamos: “Mas se não o tivéssemos?”, não, todos o temos, procuremos outra desculpa, como disse o Papa na Alemanha: nós temos uma natureza, e a nossa natureza é sermos feitos com esta razão, com esta abertura ao infinito, porque somos relação directa com o Mistério), isto é, posição aberta ao real, então percebes». Percebemos quando temos esta

posição, mas isso passa através da nossa liberdade. Se esta posição se revela alterada quem o altera? Nós. Alterado, artificial, fechado pelo preconceito: então és imoral e não podes perceber. E isto é decisivo porque nós tantas vezes não nos damos conta que não percebemos nem podemos perceber os sinais, não porque faltam os dados (vê-lo-emos na próxima vez), mas porque falta aquela abertura, falta aquele humano de que fala Giussani neste capítulo: o humano está naquilo que é aberto, e só a quem é assim aberto a realidade pode revelar o seu significado. Por isso é assim decisiva esta nossa educação à liberdade, que é o tema do próximo capítulo. Sem se educar a esta liberdade, a esta lealdade com a posição original com que fomos feitos, não percebemos.

A próxima EC será quarta feira 14 de Dezembro, às 21.30. Retomaremos o capítulo décimo terceiro de *O Sentido Religioso*: «Educação à liberdade». Procuremos identificar estes indícios que don Giussani nos dá o que devemos educar em nós, o que falta, em que é que nos descobrimos em falta, e não por um juízo negativo, para nos espancarmos, para um exame de consciência, mas para identificar aquilo sobre o qual devemos trabalhar para poder perceber, para não permanecer entalados no real, e para identificar sobre o que devo insistir e em que devo estar atento para aprender este olhar que desejarei ter na relação com o real.

A semana passada, o Papa falando ao Conselho Pontifício para os Leigos fez um discurso que nos provocou muito pela correspondência ao caminho que estamos a fazer.

Para além de nos provocar, pensamos que possa ser uma ocasião para todos. Escutem o que diz. «Parece-me particularmente importante ter querido trazer este ano, na Assembleia Plenária, o tema de Deus (isto é, o sentido religioso): “A questão de Deus hoje”. Nunca devemos nos cansar de repropor tal pergunta, de “recomeçar de Deus”, para voltar a dar ao homem a totalidade das suas dimensões, a sua plena dignidade (isto é, a finalidade é deixar de ser pio). De facto, uma mentalidade que se tem difundido no nosso tempo, renunciando a cada referência ao transcendente, demonstrou-se incapaz de compreender e preservar o humano (isto é, de manter o humano na sua dignidade, sem que desfaleça). A difusão desta mentalidade gerou a crise que vivemos hoje, que é crise de significado e de valores, antes de crise económica e social. O homem que só procura existir de forma positivista, no calculável e no mensurável, no fim permanece sufocado (isto é-vos familiar?). Neste âmbito, a questão de Deus é, num certo sentido, “a questão das questões” (vimo-lo esta noite, é a questão das questões para viver o quotidiano). Refere-se às perguntas de fundo do homem, às aspirações de verdade, de felicidade e de liberdade inseridas no seu coração, que procuram uma realização. O homem que acorda em si a pergunta sobre Deus abre-se à esperança, a uma esperança confiável, pelo que vale a pena enfrentar o cansaço do caminho no presente (cfr. *Spe salvi*, 1).

Mas como acordar a pergunta de Deus, para que seja a questão fundamental? Queridos amigos, se é verdade que “no início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa (*Deus caritas est*, 1), a pergunta sobre Deus (isto é o sentido religioso) é acordada pelo encontro com quem tem o dom da fé, com quem tem uma relação vital com o Senhor. Deus torna-se conhecido através dos homens e mulheres que O conhecem: a estrada para Ele passa, de modo concreto, através de quem O encontrou. Aqui o vosso papel de fiéis leigos é particularmente importante. (...) Sois chamados a oferecer um testemunho transparente da relevância da questão de Deus em cada campo do pensar e do agir. Na família, no trabalho, como na política e na economia, o homem contemporâneo tem necessidade de ver com os seus próprios olhos e de tocar com a mão como com Deus ou sem Deus tudo muda.

Mas o desafio de uma mentalidade fechada ao transparente (isto é fechada ao sentido religioso) obriga esses cristãos a voltar de modo mais decidido à centralidade de Deus. Por vezes esforçamo-nos para que a presença dos cristãos no social, na política ou na economia se revele mais incisiva, e talvez não nos preocupemos com a solidez da sua fé (porque de outra forma não abrimos a boca, tornamo-nos como todos), como se fosse um dado adquirido de uma vez por todas. Na realidade os cristãos não habitam um planeta longínquo, imune às “doenças” do mundo, mas dividem as inquietações, a desorientação e as dificuldades do seu tempo. Por isso não menos urgente é repropor

a questão de Deus também no mesmo tecido eclesial. Apesar de se definirem cristãos, de facto, quantas vezes Deus não é o ponto de referência central no mundo de pensar e agir, nas escolhas fundamentais da vida. A primeira resposta ao grande desafio do nosso tempo está então na profunda conversão do nosso coração, porque o Baptismo que nos tornou luzes do mundo e sal da terra possa verdadeiramente transformar-nos». Como vemos, é uma confirmação do alcance do caminho que estamos a fazer. Por isso, preparámos um folheto com estas palavras do Papa: primeiro de tudo para nós e depois para o difundirmos a todos.

No próximo número da *Passos* decidimos publicar, como Página Um, a assembleia feita com os universitários de Ciências em Milão após a morte do nosso amigo Bizzo, porque nos parece um testemunho útil da verificação do caminho que estamos a fazer: de facto se podemos dizer que a realidade é positiva frente à morte, podemos dizê-lo por toda a parte e em qualquer circunstância. Neste número encontrarão também outros artigos interessantes, como aquele que li sobre a crise.

O livro do mês para Dezembro e Janeiro é *Una certezza per l'esistenza*.

O livro reúne alguns dos mais importantes encontros do Meeting de Rimini deste ano. Propomo-lo para que o valor do que aconteceu no Meeting este Verão não permaneça só na provocação do momento, mas possa ser retomado por nós por uma maior consciência e possa ser oferecido também aos outros.

Veni Sancte Spiritus